

Pandemia & Pesquisa

(mensagem, enviada em 10-10-2020, para o lançamento das *Coepta*)

Paulo Ferreira da Cunha¹

Ninguém sabe como o futuro virá a qualificar esta terrível pandemia em que vivemos. Talvez (essa seria certamente a maior sorte) ela venha a ficar esbatida na memória histórica e, como ocorria com a peste negra ou a gripe espanhola (e mais ainda com outras de que mal lembramos o nome), venha um dia a ser apenas uma linha nos manuais, ou nem isso – apenas um objeto de especializadíssimo estudo para alguns sábios historiadores de pequenas coisas.



Cerimônia de entrega das primeiras *Coepta* – Colégio Luterano de São Paulo, 26-11-2018. Presidem a mesa os fundadores e *editors-in-chief*: Paulo Ferreira da Cunha (atualmente, juiz da Suprema Corte de Portugal); Jean Lauand (Feusp) e Sílvia Colello (Feusp).

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (suspensão devido ao exercício daquele primeiro cargo).

Porque, como sabemos, o distanciamento, qualquer um, como o geográfico ou o histórico (ou o afetivo), propiciam um outro olhar sobre as coisas. Eça de Queiroz narrou bem, e com a sua cortante ironia, esse efeito geográfico-emocional. Retratando com traços humorísticos a indiferença de uma roda da sociedade (sempre mais ou menos provinciana, ainda quando se não julgue assim) às catástrofes ocorridas do outro lado do mundo, mas uma grande sensibilidade a uma maleita pequena que afetou uma pessoa conhecida e próxima – a já literariamente “célebre” Luisinha Carneiro.

Portanto, esta pandemia, que hoje nos absorve e faz tremer e temer (e ainda bem, porque o seu desprezo ou minimização podem ser fatais), espera-se que um dia venha a ser arquivada nos anais das coisas antiquárias. Uma página negra, não mais que uma página negra, na História Universal. E pronto.

Mas enquanto isso não ocorre, está na ordem do dia, e também na dos escolares e da investigação, que a têm de levar muito a sério. Muitos dias, vêm-se notícias do fecho de discotecas ilegais, do dispersar de ajuntamentos em festas não autorizadas, mesmo do contágio de muitos estudantes. Mas sublinha-se: em geral, tal teria ocorrido fora das escolas. Como se o vírus fizesse uma seleção entre o bom comportamento académico, e o desrespeito pelas normas fora dos estabelecimentos de ensino. Não é o vírus que é seletivo, é quem a ele se expõe.

A *nova normalidade*, como agora se chama, impõe muitas mudanças no quotidiano. Algumas impercetíveis, ou só percetíveis a médio prazo.

Pode haver pessoas que até tenham conseguido sobreviver bastante bem a alguns meses de estrito confinamento, mas que agora começam a não aguentar mais. Outras, porém, sofreram horrores no condicionamento do ficar praticamente isolado. Houve até quem tivesse comprado cães – o que fez suspeitar os vizinhos e conhecidos que se procurava um álibi para sair quando a situação era, pelo menos para alguns, de estrito emparedamento. E as questões de violência doméstica não são nada de descurar, com os seus condicionalismos próprios.

Um dia se fará também a análise das consequências da pandemia nas mais diversas áreas da vida humana.

Para já, muitíssimos concordam que não havia necessidade de um cirandar tão frenético em reuniões nacionais e internacionais. No mundo dos negócios e mesmo no académico (salvo as aulas), quase tudo o que se fazia então presencialmente se consegue fazer agora por videoconferência. Faltam, claro, as conversas de corredor e as confraternizações, desde logo os almoços, jantares e ceias...que por vezes se qualificavam como sendo “de trabalho” (e em muitos casos não deixavam de o ser – e até proveitoso). Mas fará isso, para o trabalho estrito, assim tanta falta? Melhor: não se encontrarão formas de o suprir? E depois, ganha-se muito em tempo, em permanência num local para trabalhar, e poupam-se as despesas de viagem e por vezes, também de alojamento.

Evidentemente que temos saudades dos nossos colegas que se tornaram nossos amigos. Mas esse é um outro problema.

Outra reação dos confinados que não era esperável terá sido a (noticiada) diminuição do consumo do tabaco. E embora tenha havido quem haja engordado por ficar em casa, também houve um ou outro caso que levou a sério um regime alimentar, e perdeu peso. A grande questão é se, perante o perigo, se perde a cabeça ou se ganha mais juízo.

No nosso conto *Phármakon*², desenvolvemos algumas hipóteses positivas dos efeitos da Pandemia.



Paulo Ferreira da Cunha e Jean Lauand. Mesa de lançamento das *Coepa* 2018

Uma delas é académica. Trata-se do caso do Dr. Fausto:

“Fausto vivia uma vida cinzenta, com algumas latas de cerveja e uns filmes da Netflix, quando não passava o tempo num sono mesclado de cigarros e comprimidos soporíferos. Deixara-se engordar bastante, embora ainda se adivinhassem por detrás dessa adiposidade exterior, o antigo atleta que fora (fizera natação – poucos o diriam, porém). Pois o milagre aconteceu. Tomado de medo pela neurastenia do confinamento, Fausto mentalmente gizou um rigoroso plano de trabalho. Levantava-se com o cantar do galo, fazia ginástica (embora suave, que muito não podia) e como as aulas eram só por vídeo, poupava as longas filas de trânsito para a Faculdade (porque morava numa habitação pobre, num subúrbio). Decidiu também que escreveria 5 páginas por dia, pelo menos, da dissertação parada há anos. Foi no dia 11 de março que começou. Já passaram mais de 3 meses, e em breve atingirá 500 páginas, o que, para os usos modernos, e mesmo contando que a sua

² Um conto a três vozes, supostamente escrevendo no *Facebook*, em que se espelham vivências e pontos de vista na situação de quarentena e confinamento.

Deduz-se do dito pela segunda postadora que o primeiro postador será um *nerd workaholic* português, que escreve em mensagem pública, de forma pomposa, com ambições a teórico e laivos de tiradas poéticas. Mas será que ela sabe e sequer o conhece? Ela é uma jovem brasileira culta, mas desempregada. Chama-o um pouco à realidade, no seu *português com açúcar* característico e uma visão do mundo muito mais leve.

Inesperadamente tendo recebido a mensagem privada da segunda interveniente para o primeiro, uma personagem misteriosa, com uma moral particular, narra situações de várias pessoas que experimentaram importantes transformações nas suas vidas em função do novo Coronavírus.

O conto termina de forma inesperada – ou talvez não. E corrobora a ética *sui generis* da terceira personagem.

Este tríptico, que na verdade se desdobra em vários outros, é mosaico de situações e perspetivas sobre a pandemia, e, por essa via, esboço de indagação sobre a condição humana. V. *online*: <http://www.hottopos.com/isle39/21PFC.pdf>

área é das “Humanas”, já é muito razoável. Eu não vos devia dizer, mas acho que outro dia, quando, mesmo com máscara e luvas, ia colocar o lixo, se cruzou com uma vizinha que se havia mudado para o prédio há pouco. Uma senhora discreta, mas misteriosa, que lhe lembrou uma personagem de um dos romances que Fausto analisa na sua tese. Quando um romance nos insinua o romance, é caso sério – sobretudo se se é um literato.”

O que ocorre com o Dr. Fausto pode passar-se com muitos estudantes, a vários níveis de ensino, e com todo o tipo de pesquisa.



O vírus, com reminiscência clássica, por PFC

No plano do ensino, variadíssimos problemas se colocam. Ao contrário de múltiplas reuniões, as aulas não são nada a mesma coisa se forem dadas *online*. Mas há, evidentemente, perigos e outros cansaços (para docentes e discentes) se forem ministradas presencialmente. Nunca uma aula será a mesma coisa se professores e alunos trouxeram uma máscara. Pessoalmente, eu não conseguiria mesmo. Abafaria, realmente, nem sequer metaforicamente. Mas há mais que isso.

A combinação de aulas presenciais e *online* na verdade mais que duplica o trabalho dos docentes, e não sabemos até que ponto não confunde os estudantes. Tudo isso deverá ser objeto de estudo e as conclusões devem ser claras e delas haverá que tirar consequências. Estamos perante um novo laboratório sócio educativo de grande importância. É mesmo o futuro da Educação que está em causa. Já haverá quem pense em poupar milhões despedindo professores, naturalmente.

Contudo, no que respeita à pesquisa, cremos que as coisas podem ser diferentes, e até certo ponto mais tranquilas.

Primeiro, porque a orientação da pesquisa não é feita em aulas magistrais, em princípio. Um contacto muito mais individual, sem máscara, pode ser feito *online*, em videoconferência, estudante por estudante, ou em pequenos grupos, no máximo. O grande problema, de que se queixam alguns, é o do acesso a fontes mais bem

guardadas, em arquivos e bibliotecas cujo acesso é limitado, ou mesmo se encontra suspenso.

Não é verdade (ao contrário do que alguns pensam) que se possa fazer investigação séria e cabal em muitas áreas só com as bases de dados internacionais acessíveis na *Internet*. Há muitos temas que obrigam a laboratórios, a oficinas, a ateliês, a bibliotecas de livros velhos e novos, e a arquivos. Etc., etc.. Teses, dissertações, *papers* de pesquisa não são, como dizia salvo erro o imortal Peter do *Princípio de Peter*, “trasladações de ossadas”.

A pandemia veio, evidentemente, restringir muito esses meios e até “imprescindibilidades” de pesquisa. São condicionalismos materiais que tenderão, a menos que aí venha uma tenebrosa hecatombe, a ir sendo aliviados, menos contingentados, desconfinados.

Mas há algo de mais profundo e sutil que tem de ser bem estudado, compreendido, e direcionado de acordo com uma política sanitária do espírito – que não pode havê-la só do corpo. Como bem compreendem muitos profissionais, alarmados com os problemas de saúde mental, que não podem ser descurados durante este período – desde logo. E esses serão os mais graves nesse domínio não imediatamente somático, claro.

A pandemia mudou regras do jogo, representações, autognoses até. As pessoas tiveram, em geral, um pouco mais de tempo (salvo, por exemplo, os pais em teletrabalho com crianças pequenas a cuidar ao mesmo tempo) para pensarem o seu lugar no mundo, para se pensarem a si mesmas.

Ora, a pesquisa é uma paixão (ou uma corveia – para quem para ela não tem vocação) potencialmente invasora de todo o ser, totalitária. Quem tem uma tese para fazer, das duas, uma: ou está dela enamorado, ou é por ela perseguido como quem é assediado por um demónio vindo das profundas dos infernos. Com uma gradação menor, esta situação aplicar-se-á, *mutatis mutandis*, aos diversos trabalhos em que deve desaguar uma qualquer pesquisa académica.

Vivemos infelizmente num tempo em que a moda, a pressão social, a ilusória promessa de mobilidade social ascendente pelos diplomas, uma má compreensão do que seja a democracia e a igualdade, toda uma enorme vaga de fundo, leva milhares e milhões, pelo mundo fora, a forçarem os portões das Universidades, no sentido de obterem diplomas. Acham muitos, no fundo, que têm direito a eles (por “direito natural”), sem deverem mostrar para isso qualquer aptidão ou trabalho. É um problema social e mental muito grave, que encontra, aliás, em certos países, um paralelo no preconceito assistencialista, de quantos não querem trabalhar (mesmo havendo emprego), mas se sentem com direito, pelo simples facto de existirem, a todas as mordomias. Há países em que já três gerações sucessivas vivem dos auxílios do Estado. E obviamente não está em causa que existam, nem a proteção aos mais débeis (longe disso). O que é problemático é que se debilitem os tesouros públicos para custear a ociosidade, tirando assim fundos a causas e pessoas que verdadeiramente precisam. No caso escolar é semelhante: enquanto há quem não tenha infelizmente acesso à Escola, outros há que desperdiçam esse acesso, querendo passar sem trabalhar.

Mas as coisas são muito complexas, nunca a preto-e-branco.

Pelo sistema instituído (que deveria rever-se), em muitos países, a elaboração de trabalhos de pesquisa de alto nível seria *conditio sine qua non* para a concessão desses mais altos diplomas, novas cartas de nobreza nos nossos dias.

Ocorre que a vocação para penar meses, anos a fio, com o risco de nada de novo encontrar, a capacidade de formular hipóteses, de perseguir pistas, de descartar

falsos problemas e enganadores elementos, de detetar cantos de sereia, de criticar os dados, e de os cruzar, a habilidade para tudo organizar, e de tudo expor de forma clara, inteligível, e, se possível, até sedutora e convincente (desde logo persuasora dos júris ou bancas avaliadoras) não está, como dizia Descartes (até que ponto ironicamente?) do Bom Senso, muito difundida pelo mundo.

Não cremos vir qualquer mal ao credo da Igualdade entre os Homens, nem à Fraternidade que os deve unir (nem, desde logo, à Democracia), reconhecer-se que há talentos inatos para a pesquisa como talentos de nascença para a pintura, a música, ou a matemática...

Obrigá-los a fingir ser (porque mais que isso não se consegue) pesquisadores exímios é uma planificação, uma massificação artificialíssima, com base numa capacidade específica de alguns, que nem todos possuem. Não nos repugna nada que haja Mestres (pelo menos Mestres) em mil e uma matérias práticas sem que hajam dissertado em forma literária ou estatística, sobre um tema (normalmente filosófico, histórico, ou teórico – porque não há muito mais que consintam esse tratamento em certas especialidades) das suas áreas. Veja-se, por exemplo, as artes cénicas, o desporto, as artes plásticas, ou a música. Para não falar já em áreas que podem consentir teses de descoberta ou invenção, mas não todos os dias e para qualquer pessoa que se meta a dissertar. Se se descobrissem os mistérios da Medicina, da Química, da Física, em cada *paper* que se produz, o mundo seria realmente muito diferente. *Brave new world*.

Em Portugal, bem se andou, há já muitos anos, ao acabar com as teses de Licenciatura, pelo menos em cursos mais clássicos, que saibamos. Desconfiamos que foi pelo facto de, então, muitos nem se atreverem a concluí-las, por manifesto desinteresse, falta de tempo, ou incapacidade, ou incerteza sobre o valor dos seus contributos. Hoje, em que a autoestima dos universitários parece ser muito maior, não há certamente esses pruridos. Mas há dissertações muito medíocres, que o sistema, aliás, de certo modo acaba por encorajar, desde logo com limitações de páginas – cortando o fôlego dos candidatos. O que, por sua vez, também é compreensível, porque são tantos, tantos, que as bancas avaliadoras não teriam tempo para as ler... Sempre um círculo vicioso de massificação.

Se tivermos presente esta realidade da *natura rerum* e do congestionamento artificial do mundo da pesquisa formal, podemos passar para uma estratégia mais prática, mais de acordo com a natureza das coisas e das pessoas.

É verdade que nem todos são Einstein, ou Madame Curie. Nem todos são capazes de fazer uma tese como a do Professor Paulo Bonavides (*Do Estado Liberal ao Estado Social*, São Paulo, Malheiros), emérito constitucionalista brasileiro (verdadeiramente profética, e já em 2008 saía a sua 8.^a edição, comemorativa do cinquentenário da obra). Ou como a tese do nosso orientador de doutoramento em Paris, François Vallançon, *Domaine et Propriété*, que em mais de mil páginas comenta e dissecou um único artigo da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. Quantos teriam paciência e gosto e mestria nisso? E há tantas outras, em vários domínios...

Contudo, uma coisa impõe o direito à Cultura, à Educação e, em geral, aos “benefícios da Civilização”, como antigamente se dizia, decerto com outra conotação – mas usemos a boa conotação.

Numa sociedade democrática, num Estado de Direito Democrático, Social e de Cultura não se pode privar ninguém dessa janela de felicidade e de conhecimento que é a possibilidade de conhecer o que é uma vida dedicada ao labor da pesquisa. Não que toda a gente se vá transformar em pesquisador (isso seria absurdo, nem concebível sequer numa espécie de utopia dos géometras de Jonathan Swift). Mas é

muito importante que haja um acesso generalizado – mas sério e não demagógico –, à prática da pesquisa, desde os primeiros tempos, desde o colégio. E tal é importante, até para que os futuros pesquisadores não venham a ser socialmente estigmatizados como ociosos ou até perniciosos.

Na futura sociedade, de cidadãos comuns, que têm outras vocações, esses mesmos cidadãos recordar-se-ão, na idade adulta, do doce e do amargo das tarefas de pesquisa que puderam exercer na escola. Eles saberão que os que seguiram essa via são úteis à sociedade: que se não trata de cientistas loucos ou de literatos diletantes. Eles saberão, porque terão experimentado. Ora, como Alain bem recomendava, a grande pedagogia é fazer, viver as coisas na prática: como o recruta, para conhecer o fuzil, o tem de montar e desmontar na parada, recitando o nome das peças, à vista de todos.

A pandemia pode ter permitido que, na reclusão doméstica, ou pelo menos com menos solicitações sociais de convívio (que, bem ou mal, sempre distrai do estudo *proprio sensu* – embora possa instruir noutras matérias e de outro modo), alguns jovens tenham descoberto uma vocação, ou pelo menos interesse vivo e genuíno pela pesquisa. Mas pode também ter criado situações de neurastenia e rejeição do estudo em geral. O mesmo *input* resulta em diversos *outputs*.

Seja como for, ao contrário do que pensam os que têm da Escola em geral uma conceção economicista, quantitativa, e de uma competitividade de fogos fátuos, não interessa muito o volume de prémios Nobel de uma Casa, ou as catadupas de artigos e livros que os seus professores e estudantes “produziram”. Só tem importância (e só nessa medida formal e administrativa) se os poderes que mandam na Educação o exigirem. Menos importância deveria ter a reputação feita de postigos de *marketing*.

Ora esse produtivismo é severo inimigo da qualidade, que só se alcança com tempo, maturação, dedicação, cuidado, carinho. E vocação. Há milhões de artigos e livros que contam para as estatísticas formais dos *rankings* e não acrescentam um “jota” (ou um ponto que seja) ao conhecimento humano.

A importância da pesquisa não é poderem os líderes das instituições espantar grossos números que esmaguem “a concorrência”. Até porque na pesquisa pura, desinteressada, não há qualquer concorrência, só pode existir cooperação.

Assim sendo, a grande pergunta é a de saber se professores, pesquisadores, estudantes, aproveitaram e estão aproveitando bem este *tempo diferente* para a sua pesquisa. Os que têm já uma vocação de pesquisadores, aprofundando o seu trabalho, e também sendo capazes de, apesar desse chamamento, continuarem a ter vida. Porque, não tenhamos ilusões: nenhum pesquisador será um grande pesquisador mesmo se para isso tiver sufocado em si o sopro vital, se se tiver transformado num mero “robot” de pesquisa. Os que não sabem ainda o seu posicionamento nessa matéria, que estão a começar, esperemos que tenham tido e estejam a ter oportunidade de, com menos distração, entenderem o que é pesquisar.

Além de que a pesquisa tem um outro efeito positivo muito importante, e socialmente fecundo. É que pela pesquisa se cria o interesse genuíno (e não superficial, postigo, mesmo snob) pela Cultura, pela Ciência, pelo Saber, e pelos seus instrumentos, desde logo pelo Livro. Ao favorecermos o florescimento de mil e um pequenos aprendizes de pesquisador, não se está a demagogicamente a dizer a cada um deles que virá a ser um cientista prémio Nobel, mas estamos a dar-lhe um importantíssimo instrumento de cidadania, que é uma proximidade vivencial com a criação de Cultura, de Ciência, de Saber. Não poderá haver quem tenha pesquisado a sério em novo que venha a ter, em adulto formado, desprezo pelo Conhecimento, pelo Estudo, pelos Livros.

Ao favorecer a pesquisa, é uma muito vasta seara de que se cuida. Dela, sairão novos cientistas de parte inteira, e ainda muitos cidadãos conscientes, potencialmente cultos, leitores interessados, cinéfilos empenhados, melómanos convictos, frequentadores de exposições, de teatro, e de outros espetáculos com dimensão cultural. Verão com outros olhos várias realidades sociais, como a política, o desporto, a religião, a arte...

É um investimento de grande responsabilidade social e de rentáveis frutos, desde já seguros. Foi por isso com o maior gosto que acedi a escrever estas desataviadas linhas, *currente calamo*, parabenizando a parceria CEMOrOC / Colégio Luterano São Paulo, que, nestas águas encapeladas da pandemia, teimam em manter a nave a flutuar. Esperemos que seja uma Arca de Noé, e que em breve possamos ver todos o arco-íris anunciador da descida das águas e a pomba da paz nos traga o ramo de oliveira de um porto seguro com cura e vacina para o vírus. Até lá, uma das formas de resistir é estudar.